

Transcrição da História Oral de Clarice Pankararu

Clarice: Meu nome é Clarice Josivanha da Silva, e eu sou liderança Pankararu aqui de São Paulo. Sou presidente (entre 2018 - 2025) da associação SOS Comunidade Indígena Pankararu, no Real Parque. Aqui no Real Parque a gente não é... o pessoal sempre pergunta, ah, é aldeia? Não, não é aldeia.

É uma comunidade que mora 9 mil pessoas e que a gente é só um tantinho dela. Porque nós somos 180 famílias, tem mais ou menos umas 700 pessoas, no qual nem todas são indígenas, porque tem o casamento com não indígena também. Então dá 700, mas 100 ou 150 não é indígena, então dá 600. Esse povo aqui é Pankararu, que mora só no Real Parque.

Museu: E desde essa época que você veio, com 16 anos, já se falava isso? “Somos Pankararu?”, “Somos tantas famílias?” Ou foi um movimento que aconteceu, que se viu?

Clarice: O pessoal que vinha era o primeiro. Só descobriram que tinha Pankararu no Real Parque por conta que teve um parente que morreu. E aí saiu uma reportagem, mas o pessoal tinha medo de falar que era Pankararu, que era indígena. Então eu passei por esse processo também. Eu nunca na minha vida falava que eu era Pankararu. Primeiro porque eu sou preta, eu sempre falo isso. O pessoal está atrás do indígena, como diz, o que está no livro de história? Então, a comunidade tem de 8 a 9 mil pessoas. Então ali tem de toda a cultura, né?

Eu acho, como a gente tem uma associação e querendo ou não, hoje, não só hoje, mas que

desde a época de Seu Bino que a gente vem se fortalecendo dentro da comunidade, dizer:

“Oh, a gente está aqui. A gente é do povo Pankararu. E a gente está aqui e a gente vai manter nossos rituais aqui dentro. A gente vai botar nosso praiá para dançar aqui dentro, independente de estar na aldeia ou não”.

Praiá, essa figura aqui, que eu carrego aqui, aqui é o praiá, o maracá e o campião. Para nós são os nossos encantados, que nos protege, que cuida da natureza. Esses são os praiá, que o pessoal chama de praiá, encantado, que cada um tem um nome. E aqui não tem como fazer, porque todo o material é lá na aldeia.

Museu: E é de que material?

Clarice: É croá. É uma planta, não sei se você conhece a agave. Eu não sei se aqui tem alguma planta

que... Tipo, são... Essas plantas assim, sabe? São pontudas que parecem... Não sei explicar, mas eles batem o croá, eles fazem com essa fibra de croá. Muitos dizem palha, mas não é palha, é croá, que é de uma planta. Só acham naquela região, em Pernambuco. Eu não sei se por aqui, tipo, Minas... Os meninos estavam falando que em Minas Gerais tem. Eu não sei. Mas das duas vezes que eu precisei, teve que vir da aldeia.

Museu: E tem figuras espirituais? Tipo, você falou que seu primo era pajé. Aqui no contexto urbano também tem essas figuras? As figuras que tem na aldeia ou não?

Clarice: Não. Aqui, quando o Seu Bino trouxe os praiá, ele pediu autorização das lideranças lá na aldeia. E aqui a gente não tem pajé nem cacique. É só liderança ou presidente da associação, só. A gente deixa esse critério, essa parte só para as aldeias mesmo.